

Maluf diz que só negocia apoio a FH no 2º turno

■ Crise econômica faz o ex-prefeito adiar aliança do PPB com os partidos governistas

VASCONCELO QUADROS

SÃO PAULO – O ex-prefeito Paulo Maluf disse ontem em São Paulo, ao retornar de viagem aos Estados Unidos, que é contra uma coligação do PPB com os partidos que apóiam o presidente Fernando Henrique Cardoso ainda no 1º turno das eleições do ano que vem. “O 1º turno serve para pregar o programa do partido. A aliança deve ser discutida no 2º turno”, afirmou Maluf. Ele considera uma demonstração de fraqueza a proposta dos partidos de esquerda de formar uma frente ainda no 1º turno para enfrentar Fernando Henrique.

De olho na possibilidade da crise na economia brasileira gerar mudanças no cenário político nacional no ano que vem, Maluf acha que agora não é momento para discutir aliança com Fernando Henrique. Ressalta que esse assunto deverá entrar na pauta da convenção do PPB na terça-feira da semana que vem. Maluf vai assumir a presidência nacional do partido – o que implicará deslocamentos frequentes de São Paulo a Brasília –, mas antes disso quer

agendar um encontro com o presidente para discutir a posição de seu partido sobre as eleições.

Ele afirmou que Fernando Henrique não deve apoiar candidatos nos estados porque isso poderia constri-la sua base de sustentação. Maluf lembrou o caso do Rio de Janeiro, onde a disputa pelo governo deverá, segundo ele, ficar entre o PSDB do governador Marcelo Alencar e o PFL do ex-prefeito César Maia. “O presidente enfrentaria conflito em muitos estados. É melhor ele nem aparecer nos estados”, aconselhou Maluf, lembrando que, mesmo forte, não seria certo que o presidente transferisse seu prestígio. “Se fosse assim o Serra (senador José Serra, do PSDB-SP) seria o prefeito de São Paulo.” O discurso do ex-prefeito continua dubio. O máximo que garante é que seu nome estará numa cédula eleitoral como candidato, mas não diz a quê.

O ex-prefeito chegou a São Paulo em meio à crise que envolve o seu nome no escândalo da compra de frangos durante sua gestão na prefeitura da cidade – o *frangogate*. On-

tem, o juiz José Roberto Furquim Cabella, da 2ª Vara da Fazenda Pública de São Paulo, aceitou a proposta do promotor Alexandre Moraes, abriu uma ação cível por improbidade administrativa e mandou citar Maluf, sua mulher, Sylvia, e os outros envolvidos no caso. Maluf disse que a investigação teve motivação política. “Não houve superfaturamento. Foi tudo regular. Isso vem à véspera da eleição. Já começou a campanha eleitoral. Mas a Justiça vai nos absolver”, disse. “Se eu não tivesse quase 40% nas pesquisas, ninguém estaria preocupado com o Maluf”, afirmou o ex-prefeito.

Na entrevista de ontem Maluf assumiu a ofensiva e disparou para todos os lados. Criticou a falta de segurança em São Paulo afirmando que, se sair candidato e vencer, vai pôr a temida Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota) – a tropa de choque mais violenta da Polícia Militar – nas ruas. Mas também faz severas críticas à crise na economia provocada pela queda das bolsas. Disse que se o atual patamar de juros, anunciado pelo governo, per-

manecer por 90 dias, a economia brasileira vai se deteriorar. Ele previu que haverá quebra de indústria, recessão e desemprego.

Maluf voltou a chamar de “pornográfica” a taxa de juros e afirmou que, se não forem tomadas medidas concretas, o país corre o risco de se transformar num paraíso de especuladores. Ele cutucou os jornalistas afirmando que, em três meses, se os juros não baixarem, haverá muita cobertura de escândalos e catástrofes.

O ex-prefeito acha que o governo abriu a economia brasileira à importação de supérfluos – citou a farra de Ciudad Del Este, onde os sacoleiros compram R\$ 10 bilhões por ano em mercadorias –, mas não soube negociar uma relação comercial mais firme com a Argentina no caso do acúcar e da pretensão brasileira de conseguir uma vaga no Conselho de Segurança da ONU. “Política exterior é mão e contramão. A economia argentina está funcionando como nunca e com os 160 milhões de brasileiros às suas ordens. Então tem de abrir os 33 milhões de argentinos para a economia brasileira.”